



# DEPOIMENTO

O nome de Bandeira Tribuzi está ligado, na minha experiência literária, à descoberta da poesia moderna. Não foi Bandeira nem Drummond nem Murilo Mendes que me revelaram haver uma nova maneira de pronunciar a linguagem da poesia: foram os poemas de Tribuzi. Isso aconteceu por volta de 1949, 50 quando, com enorme atraso, chegavam ao Maranhão os ecos da revolução que se iniciara em S. Paulo em 1922 e que prosseguira décadas afora. Pode ser que, antes de nossa geração, outros houvessem tomado consciência dessa mudança, mas nós não encontramos nenhum sinal disso. Lago Burnett, Tobias Pinheiro e eu estávamos ligados a Manoel Sobrinho e Correa de Araújo, severos cultores do soneto. A presença de Tribuzi, que chegava de Portugal, fez soprar brisa fresca e matinal sobre a poesia maranhense e

ela então rompeu com as velhas formas, buscou novos caminhos. Foi o começo de uma nova época. José Sarney, Luiz Carlos Belo Parga, Evandro Sarney nos escandalizavam com suas audácias poéticas, na revista A Ilha. Burnett e eu, depois do Saci, fundamos Afluente, já ganhos pela visão renovadora.

Longe do Maranhão há 26 anos, mergulhado na vertigem de uma nova e tumultuada vida, não pude seguir com a devida atenção o que se passou aqui nesse período. Mas guardei dentro de mim, em meio a tantas outras coisas queridas, a lembrança de uma poesia límpida, cheirando a terra e manhã, que me ajuda a amar a vida e a crer nos homens: a poesia de Bandeira Tribuzi. E guardei também a lembrança do poeta, homem simples e afetuoso, por todos os títulos merecedor da homenagem que, hoje, juntos lhe prestamos.

Ferreira Gullar